- Conjugação de esforços para exportação de cafés finos de São Paulo mediante canais privilegiados.

- Criação de normas para certificação, trabalho em franco andamento, essencial para permitir segmentação de mercados e exploração de nichos.

Já é visível, portanto, a mudança de enfoque na relação setor privado/governo. Há algum tempo, órgãos colegiados não passavam de escritórios de despacho de queixas e pressões. O setor privado chorava, pressionava e o governo resolvia. Funcionava, porque era o governo que definia os preços.

As ações da Câmara Setorial de Café já demonstraram que a articulação de cadeias de produção e a descentralização do poder de decisão parecem realmente ser o caminho adequado para prover o agronegócio de políticas setoriais capazes de encaminhar ao sucesso pequenos e grandes empresários, agricultores, comerciantes ou industriais, nesta fase da economia em que é o mercado que define os preços.

Otávio Sampaio Gutierrez é coordenador da Codeagro – Coordenadoria do Desenvolvimento dos Agronegócios da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.



GESTÃO PÚBLICA

Plantando o futuro

A Bahia aposta no boom *da cultura cafeeira no Sul do estado, que historicamente se notabilizou pela produção de cacau*

Regis Alimandro



O governo baiano está estimulando o plantio de café na Bahia. No curto prazo, quer ostentar uma produção de 1 milhão de sacas por ano e, no média, que o estado esteja entre os três maiores produtores brasileiros.

Nos anos 80, a região de Vitória da Conquista concentrou expressiva produção de café. Alguns imaginavam que a marcha do produto rumo ao Norte encontrasse ali um novo pólo de expansão. O movimento, porém, acabou sendo esvaziado por problemas climáticos e pelo último ciclo de preços baixos.

Com a fase altista posterior, novo fluxo de investimentos migrou em direção à região de Barreiras, onde também se fazem investimentos em fruticultura. Na cidade, se concentram projetos tecnológicos de primeiro nível, ultra-sofisticados. Já estão implantados cerca de 5 mil hectares de pés de café, boa parte deles irrigada, com produtividade média de cerca de 65 sacas no sistema aberto e de 120 nos projetos adensados. Barreiras é séria candidata ao título de recordista de produtividade de arábica de alta qualidade e vem atraindo investimentos de cafeicultores brasileiros de grande porte, oriundos de diversas regiões e até mesmo de grupos estrangeiros.

O ciclo de preços mais favoráveis estimulou a retomada da cafeicultura na região de Vitória da Conquista, onde se cultiva arábica sem irrigação e com alta qualidade. Mas o avanço mais recente da cafeicultura baiana vem acontecendo no Sul do estado, na região da Mata Atlântica que historicamente concentra a produção de cacau. Lá, o conillon vem ocupando espaço crescente como alternativa ao cacau, seriamente afetado por longo período de baixos preços e pela vassoura-de-bruxa.

Vale a pena plantar café na Bahia: o custo da terra e da mão-de-obra é reduzido e as condições climáticas superfavoráveis. No sul do estado, por exemplo, chega a chover 2 mil milímetros conforme um regime pluviométrico adequado ao cultivo do conillon.

O programa do governo baiano se apóia em uma linha de financiamento com recursos da ordem de R$ 70 milhões, do BNDES e do FNE, que são repassados pelo Banco do Nordeste. Além dos recursos financeiros, o governo, em cooperação com a Embrapa e com algumas fundações regionais, tem procurado desenvolver pesquisas agronômicas nas áreas de fertilidade, sanidade, correção de solos e transferência de tecnologia.

E mail: regis@fgv.br

**O autor agradece ao engenheiro-agrônomo Ramiro Amaral, da Secretaria da Agricultura da Bahia, pelas informações que possibilitaram este artigo.*